

23. "O nosso amigo"

Para viver a conversão à comunhão, São Bento nos lembra, portanto, de um método que ficou claro desde a primeira comunidade cristã: o uso dos bens à luz da necessidade dos outros, a serviço do bem de todos, em particular de quem necessita mais. Nos propõe exercitar uma relação com as coisas que muda o adjetivo possessivo, como dizia sobre o cimento e os tijolos: nos pede para passar do "meu" ao "nosso". Isto, antes de ser um salto material, é um salto do coração e da liberdade. Por isso é necessária a fé. A mudança do mundo não vem, antes de tudo, da mudança da mente dos poderosos muitas vezes vazia, mas da conversão do nosso coração.

A pobreza material é verdadeira e possível somente se for procurada, como pobreza de coração. Talvez no mosteiro se utilizam, para um trabalho e outro, ferramentas e objetos que nunca poderíamos nos permitir antes. Mas a primeira conversão que a Regra nos pede, não está na medida material da pobreza, mas em nos educa a tratar as coisas com a consciência de que são "nossas" e não apenas "minhas". São Bento nos ensina a consciência e a experiência que os bens são sempre um presente recebido e a ser transmitido, e que podem estar a serviço de um bem muito maior, eterno, que não nos será tirado: a comunhão fraterna. Possuir em comunhão não é perder tudo, mas possuir o cêntuplo. De fato, seja o "meu" que o "nosso" são adjetivos *possessivos*. Possuímos uma coisa seja dizendo "minha" que dizendo "nossa". Mas a diferença é que no "nosso" possuímos a coisa ao cêntuplo, um cêntuplo não da coisa em si, mas do possesso, porque possuímos na comunhão que expressamos no uso da coisa. O cêntuplo, mas também a vida eterna, está na comunhão da qual fazemos experiência (cf. Mt 19,29).

Esta escolha, que sobretudo para nós monges e monjas, deveria ser radical e renovada constantemente, é sinal de um novo mundo que hoje, mais do que nunca, é necessário começar. A preocupação urgente pela "casa comum", pelos recursos da terra, que a *Laudato si* de Papa Francisco chama a todos, devemos cultivá-la, antes de tudo, convertendo nosso coração para um uso de comunhão dos bens à nossa disposição. A Igreja nos pede que façamos uso de tudo a serviço de uma comunhão universal, de todo o genero humano, presente e futuro. É também assim que se dilata e expande o reino de Deus.

Mas existe um nível no dizer "nosso" em vez de dizer apenas "meu", que é ainda mais profundo que a comunhão de bens ou atividades, ou que, deveria ser a consciência profunda do possesso solidário de todo bem material e espiritual, e do exercício de cada obra: é quando dizemos "nosso" junto com Jesus Cristo.

Há uma palavra de Jesus no evangelho de João que recentemente me chamou atenção. Está no capítulo 11, aquele sobre a enfermidade, morte e ressurreição de Lázaro. Suas irmãs informaram a Jesus que ele estava doente: "Senhor, eis que aquele a quem amas está doente" (Jo 11,3). Jesus decide esperar ainda dois dias, depois Lázaro morre, sem

que Jesus vá vê-lo e curá-lo. Mas João insiste muito na amizade que Jesus tinha pelos três: "Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro" (11,5).

Bem, a palavra que me tocou foi a que Jesus disse quando comunica a seus discípulos sua intenção de ir a Betânia para "acordar" Lázaro. Diz: "Lázaro, o nosso amigo, adormeceu: mas vou acordá-lo" (11,11). Fiquei impressionado com a expressão: "o nosso amigo – ὁ φίλος ἡμῶν".

Não diz "o meu amigo", mas "o nosso amigo". É algo extraordinário, mesmo que, como eu, ouvimos este evangelho milhares de vezes sem notar. Jesus fala de um amigo seu, alguém a quem Ele amava de forma muito pessoal, e mesmo assim fala como "nosso", o define como pertencendo não somente a Ele, mas a Ele com os discípulos.

Esta palavra de Jesus, se a escutamos bem, parece-me encerrar como uma chave para viver um novo relacionamento com todos e tudo. Porque se Jesus disse "nosso amigo" falando de um amigo Seu, isto significa que também nós podemos e devemos falar dos nossos amigos, das pessoas que amamos, mas também de todo relacionamento humano que tece a nossa existência, definindo-os com um "nosso", que inclui Jesus, que envolve antes de tudo Jesus.

Muitas vezes, principalmente nas vocações que comportam a virgindade e o celibato, quando surge um afeto, uma amizade particular, pensamos instintivamente: "o *meu* amigo, a *minha* amiga". Depois compreendamos que o nosso coração não está livre nesta relação e então dizemos a Cristo: esta pessoa é tua, somente tua, te devolvo, faço este sacrifício. Mas fazemos com tristeza, porque é um sacrifício que, de alguma forma, vai contra um movimento positivo do coração humano, no caso, a amizade, o carinho. Então, é como se entre estas duas opções, uma que segura muito para si e a outra que sacrifica tudo sem permitir que a amizade cresça e também se purifique, é como se Jesus nos sugerisse uma terceira via, que abre o coração sem parti-lo, que o dilata: o caminho para viver esta amizade, este carinho, *com Ele*, compartilhando com Ele, dizendo com Ele, e como Ele: "o nosso amigo, a nossa amiga". E isto faz com que tudo aquilo que somos instintivamente tentados de possuir sufocando o nosso coração ou que queremos renunciar somente por vontade, esmagando o nosso coração, podemos possuí-lo plenamente, possamos desfrutá-lo *possuindo com Cristo*, dilatando na amizade com Ele cada pessoa querida, cada amizade, cada relação.

Este horizonte de amor que define "nossas com Jesus" as pessoas amadas, não vale apenas para os que fazem votos ou promessas de celibato: é o horizonte de gratuidade, beleza e plenitude de todo relacionamento, mesmo conjugal, mesmo entre pais e filhos ou fraterno. Todos os nossos relacionamentos, Jesus nos ensina a vivê-los como "nossos" junto a Ele. Cristo não nos ensinou a dizer "nosso" também seu Pai?

Esta luz sobre nossa vida, nosso coração, sugiro sem aprofundá-la. Vou retomar em outras ocasiões, e poderia ser um tema para um mês inteiro do Curso de Formação... Mas é uma palavra com a qual gostaria que voltássemos para nossa vida cotidiana, com o desejo de viver todos os nossos relacionamentos, pensando que podemos vivê-

los como "nossos com Cristo" e, portanto, vive-los dentro da Sua amizade, o Seu afeto pelas pessoas e por nós.

Não é só um sentimento, porque dizer "nosso" com Jesus é algo exigente, que nos introduz em um senso de pessoas e coisas que é a caridade, o amor gratuito de Cristo por nós e por todos. Com Jesus, até meu inimigo se torna "nosso amigo". Tão grande é o amor daquele que compartilhou conosco todo seu ser, juntamente com o Pai e o Espírito Santo.

Quando Jesus disse naquele dia falando de Lázaro "o nosso amigo", imperceptível mas realmente começou um novo mundo, uma transmissão tendencialmente universal de seu amor, da Comunhão trinitária, a uma missão sem limites, que é a missão da Igreja, na qual o próprio Cristo se comunica com a difusão de uma amizade que é Sua e de todos, porque é "nossa" com Ele e com todos.

É com esta palavra, que nos encerra na amizade de Cristo e nos envia a transmiti-la a todos, que gostaria de expressar os agradecimentos tradicionais, mas nunca obvies, ao final desta edição do Curso de Formação Monástica.

Antes de tudo, agradecemos a Deus por nos ter dado este tempo intenso de encontro, formação e comunhão fraterna. E obrigado a cada um de vocês por terem correspondido a esta graça com disponibilidade e empenho em viver tudo, também através dos serviços comunitários, que cada um de vocês assumiu com alegria e generosidade, tanto em casa quanto na liturgia!

Obrigado de coração ao Pe. Procurador Lluç e a Agnese Kulczycka por todo o empenho organizacional que se ocupam não apenas neste mês, mas durante o ano todo! Obrigado também a Annemarie Schobinger, Piotr Kulczycki, Elia Kass Hanna e Salvatore Russo!

Obrigado às nossas insubstituíveis Irmãs Missionárias Filhas do Coração de Maria na cozinha, lavanderia e engomadoria! Fazem um trabalho escondido, subterrâneo, mas é um trabalho como o das raízes de uma árvore.

Obrigado a todos os Professores que compartilharam com vocês o conhecimento e competência e que frequentemente acompanham vocês durante o ano, para as provas!

Obrigado ao Pontifício Ateneo Sant'Anselmo pelo precioso patrocínio neste Curso de Formação!

Obrigado a todos os intérpretes, sem os quais o Curso seria uma Babel, e em particular aos da nossa Ordem: P. Bazezew, de Shola, e Pe. João Crisóstomo, de Itaporanga!

A tradução de meus Capítulos é um trabalho significativo que sempre envolve muitas pessoas, todas generosíssimas: o Pe. Procurador Lluç e Madre Eugenia de Talavera de la Reina, Annemarie Schobinger, P. Stephen de Dallas, Ir. Michaela de Rieunette, Madre Aline de San Giacomo di Veglia, Dom Luis Alberto e Fr. Estevão de Itatinga, Pe. João Crisóstomo, Prof. Antonio Tombolini. A eles são gratos todos aqueles que leem os capítulos online.

Agradecemos todos os benfeitores que apoiam financeiramente este Curso de Formação, em particular a AIM!

Por fim, penso naqueles que terminaram o Triênio e que saudamos com carinho. É sempre triste dizer adeus, mas é um efeito especial deste Curso criar laços de comunhão fraterna intercontinental, e entre as Ordens e as comunidades, sempre mais fortes que as distâncias de espaço e de tempo!

Não esqueçamos de permanecer unidos na oração de Cristo ao Pai, na alegria do Espírito Santo, que é a coisa mais importante para nós e para o mundo inteiro!